

A casa do relógio-de-sol



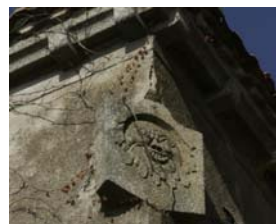
Quem nunca se interrogou sobre a história da bonita casa de estilo neomanuelino, situada na Avenida do Brasil? O edifício encontra-se desocupado e o seu estado de degradação é bem visível. Qual será a sua história e o porquê de ter sido votado a tão longo desleixo?

Texto: Marta Almeida Carvalho
Fotos: Virgínia Ferreira

Para quem passa pela Avenida do Brasil, este edifício sugere uma envolvimento quase mítica. Ninguém fica indiferente a esta magnífica moradia mas poucos sabem a sua história. A Viva! fez uma viagem ao passado no sentido de a descobrir. Em inícios do século XX, a Foz assumiu-se como uma das praias mais cosmopolitas do Norte. A moda de "ir a banhos", uma importação inglesa que se generalizou entre a burguesia portuense, e a democratização dos transportes, geraram uma crescente afluência à Foz, que começou a estender-se até Carreiros, onde surgiram novos arruamentos e acessibilidades. No início de 1907, Artur Jorge Guimarães, capitão de artilharia, e sua



mulher Beatriz Jorge Guimarães, compraram um terreno na Avenida de Carreiros para aí construir uma residência. Em Setembro desse ano, o projecto (segundo os proprietários da autoria do escultor Teixeira Lopes) deu entrada na Câmara Municipal do Porto, tendo sido aprovado em 26 de Setembro de 1907 (Arquivo Histórico Municipal do Porto, Livro de Plantas 202, folhas 225 à 230, licença nº 847). A casa é composta por 4 andares e, apesar do grau de degradação ser acentuado, ainda se conseguem definir perfeitamente todos os espaços. No rés-do-chão



para a sala, no andar de cima, e com uma escadaria só para os criados), e a zona da criadagem (quarto, hall e wc). Espalhados pelos restantes pisos existem mais 3 wc`s, halls, sala e

situa-se a garagem, uma enorme cozinha (com um elevador para que as comidas pudessem ser transportadas

um magnífico salão de visitas, onde ainda se podem ver vestígios do tecido ornamentado que forrava as paredes e um espelho. O 2º andar foi dedicado à zona de dormir - uma espaçosa suite (composta por uma sala de estar com lareira, um quarto de vestir e wc), um quarto de criança com um anexo para as brincadeiras e com ligação directa a outra divisão que serviria de quarto a uma ama. No sótão há uma bonita sala, embora pequena, com luz directa e que poderia ter servido de local de leitura. Há ainda um reservatório de água, o que não seria muito comum na época. O



exterior é caracterizado pelos motivos nacionalistas, evocando os Descobrimientos, como cordas, esfera armilar, cruz de Cristo e outros motivos, e pelos bonitos painéis de azulejos hispano-mouriscos. Um relógio-de-sol deu, durante algum tempo, nome à casa. Recorde-se que está classificada como imóvel de interesse público nacional.

Dos tempos sumptuosos à degradação

Depois de ficar viúva, e por motivo de doença, Beatriz Guimarães foi viver para fora do Porto. Depois da sua morte foram quatro os herdeiros – a filha Maria Beatriz e os três netos, Liz, Maria José e Gil de Cantos. Entretanto, no 25 de Abril de 1974, a casa foi ocupada ilegalmente por um sapateiro que se apropriou de tudo o que estava no seu interior. *“Quando ele a ocupou estava intacta, ainda com as mobílias, tendo inclusivamente um piano. Desapareceu tudo”*, refere Maria Helena Braga de Cantos, a actual proprietária. Depois de um longo processo em tribunal, que se arrastou durante anos, e que a família acabou por perder (segundo os proprietários por incompetência profissional do advogado), o «ocupa» saiu da casa há cerca de dez anos, mediante uma indemnização da família, deixando-a totalmente destruída e tendo-se, alegadamente, apropriado de tudo o que estava no seu interior. *“À volta das maçanetas, existia uma*

armação de pau santo que esse senhor arrancou de todas as portas provavelmente para vender”, refere Paulo Ferreira Braga, filho da proprietária, salientando que o sapateiro, durante anos, não deixou sequer lá entrar os proprietários. Maria Helena, viúva de Liz de Cantos ainda se recorda de lá passar os meses de Verão. *“A casa era da minha tia-avó e eu passava lá as minhas férias. Em Julho íamos para a praia mesmo em frente à casa e em Agosto para a Póvoa de Varzim. Lembro-me de haver pessoas que achavam que éramos mulatas, de tão queimadas que ficávamos”* recorda. Apesar de legalmente só se ter tornado proprietária há pouco mais de um ano, Maria Helena gostava de recuperá-la. *“O meu marido era muito apegado a esta casa. Só por isso custa-me desfazer dela, embora tenha consciência que é preciso fazer algo. Pode ser que ainda pense em vender. Há muita gente que a queria mas por «tuta-e-meia»”*, diz, salientando que o filho Paulo não queria desfazer-se da casa. As constantes investidas de toxicodependentes e sem-abrigo degradam-na ainda mais. *“Tive de arranjar maneira de isolar portas e janelas para que não entrassem estranhos. Os vizinhos sabem que de vez em quando entram aqui delinquentes e são incapazes de chamar a polícia. Alguns até aproveitam e despejam todo o género de lixo para o nosso terreno. É inadmissível”*, refere Paulo Braga, salientando que paga contribuição autárquica e todas as obrigações inerentes. ■